

Mafalda

QUINCO

FEMININO
SINGULAR



IGUANA

MAIS SÉRIEIDADE, SEUS LAMECHAS,
QUE ESTE É UM LIVRO DA IGUANA, UMA
CHANCELA DA PENGUIN RANDOM
HOUSE GRUPO EDITORIAL
RUA ALEXANDRE HERCULANO,
50, 3.º, 1250-011 LISBOA, PORTUGAL.
ALÉM DISSO, O COPYRIGHT
ORIGINAL É: ©2023,
HERDEIROS DE JOAQUÍN
S. LAVADO (QUINO)



1.ª EDIÇÃO:
FEVEREIRO
DE 2024



ISBN: 978-989-787-648-6

DEPÓSITO LEGAL: 525814/23

TRADUÇÃO DE
MARIA JOSÉ SACADURA
E RICARDO PEREIRA

PAGINAÇÃO DE
PAULA CATALÃO
E CAPA DE
CAROLINA LEONARDO
(WONDER STUDIO)



Nota editorial da edição *Femenino Singular* (Lumen, 2018)

Será que a Mafalda é feminista? A julgar pelas manifestações do Dia da Mulher, em que não costuma faltar um cartaz com a Mafalda a gritar «Basta!», ou pela sua presença notória nas redes sociais com mensagens reivindicativas com caráter feminista, a Mafalda é hoje um ícone da luta das mulheres. Curiosamente, porém, a Mafalda nasceu em 1963 numa tira que serviria de publicidade disfarçada a eletrodomésticos. Por sorte, não vingou, e Quino aproveitou a personagem e adaptou-a para as tiras que, a partir do ano seguinte, começariam a ser publicadas semanalmente na revista *Primera Plana*. De acordo com o que contou ao jornalista Rodolfo Braceli numa entrevista publicada no livro *O Indispensável da Mafalda*: «Como não tinha de elogiar as virtudes de nenhum aspirador, fiz da Mafalda uma rapariga rabugenta e mal-humorada. Foi uma desforra imediata.» As primeiras tiras dão bem conta do espírito crítico da protagonista e da sua posição sobre a condição feminina: desde a sua criação, a menina de seis anos constrói um divã para a sua boneca, que está cheia de inibições e precisa de um psicanalista, e critica sem piedade as opções de vida da mãe: o abandono dos estudos e da possibilidade de ter uma profissão para cuidar do lar, que ela considera um «antro de rotina».

Ao longo dos seus dez anos de vida, a posição da Mafalda em relação ao lugar que as mulheres devem ocupar no mundo torna-se clara: é uma rapariga reivindicativa, solidária, consciente e informada, com um destino promissor à sua espera: tirar um curso superior, ser astronauta, presidente do governo ou intérprete nas Nações Unidas (para ser capaz de servir de mediadora para evitar guerras e conflitos); em suma, desempenhar um papel importante no futuro da humanidade. Na sua família — como ela explica ao vendedor que tenta, periodicamente e sem sucesso, vender algo naquele peculiar lar — não há chefes. Ela quer assumir o controlo do seu futuro, ser independente, e não se identifica com o casamento ou a maternidade. No que concerne a este último ponto, a sua maior concessão é, além de fazer um divã para a sua boneca, levá-la a passear no carrinho de bebé, porque «de vez em quando é preciso levar o instinto a passear».

No entanto, é quando a Susanita aparece nas tiras que se dá a verdadeira rutura. Até esse momento, o feminismo da Mafalda é ainda uma resposta a um conflito intergeracional. «No início», diz Quino na citada entrevista, «a ideia do *cartoon* era simples. A menina concebia uma pergunta e os pais respondiam-lhe. No final, ela fazia o seu

comentário. Passado algum tempo, este recurso começou a esgotar-se, por isso introduzi a Susanita, que era uma espécie de mãe da Mafalda, pequena.»

A Susanita é sua contemporânea, mas a incompreensão entre as duas é absoluta. Ao contrário da Mafalda, para ela o mundo é extremamente simples — um mundo de pais e filhos em que ela será uma senhora, terá filhos, comprará uma casa grande, um carro, joias e terá netos. Enquanto a Susanita se sente confortável na sociedade que a rodeia, pouco solidária, elitista e na qual as mulheres estão destinadas ao que ela considera ser a sua missão — a maternidade —, a Mafalda olha perplexa para aquilo a que chama de «folclore materno», defende a importância de sermos nós próprios, desilude-se com o mundo em que vive e precisa de o mudar a todo o custo. Porém, sempre que tenta encorajar a sua amiga a ter mais ambição, embate contra uma parede, como se a Susanita fosse ela própria a sociedade patriarcal. A Susanita simboliza tudo o que ela não quer ser: a mulher que vê a vida através de um rolo de cabelo, cujos sapatos novos transcendem qualquer causa.

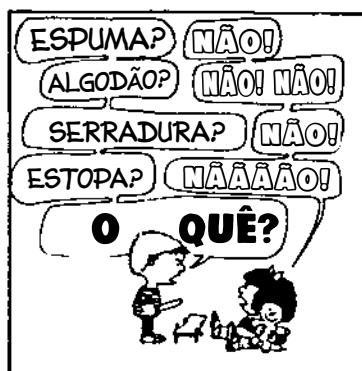
Se com a Susanita não há forma de chegar a um consenso, mais tarde aparecerá uma nova personagem feminina, a Liberdade, com quem a Mafalda encontra uma maior sororidade. A Liberdade, a personagem

favorita de Quino, é muito mais inocente do que a Mafalda, mas teve a sorte de herdar outras ideias, pois a sua mãe trabalha (é tradutora de Jean-Paul Sartre, entre outros autores). Se a Susanita simboliza o passado, a Liberdade representa um futuro mais esperançoso.

Questionado sobre o sucesso da sua heroína, Quino diz não saber qual a razão para tal: «Deve ser porque o mundo ilustra, dia após dia, as reflexões que saem de Mafalda.» Hoje, quando as reivindicações das mulheres têm um eco renovado, as personagens femininas das tiras das décadas de 1960 e 1970, que este volume recolhe, contemporâneas do movimento de libertação das mulheres, continuam a ajudar-nos a refletir sobre o estatuto das mulheres e o seu papel no mundo. Esperemos, como a Mafalda, que os novos ventos que estão a soprar façam desaparecer o «maldito cheiro a naftalina» e que o desejo da nossa protagonista de que as mulheres desempenhem cada vez mais um papel, e não «um pano», na história da humanidade se cumpra, um desejo partilhado por Quino, que declarou em julho de 2018: «Sempre apoiei as causas dos direitos humanos em geral, e os direitos das mulheres em particular, a quem desejo muita sorte nas suas reivindicações.»



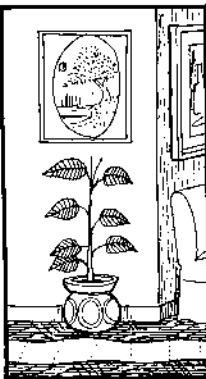
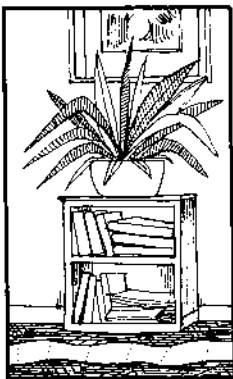
© QUINO

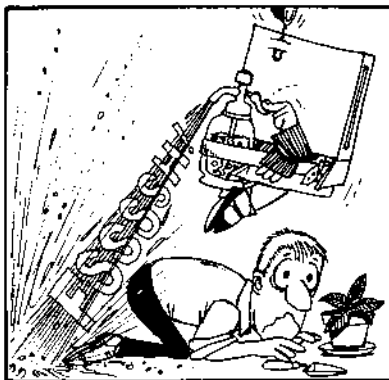
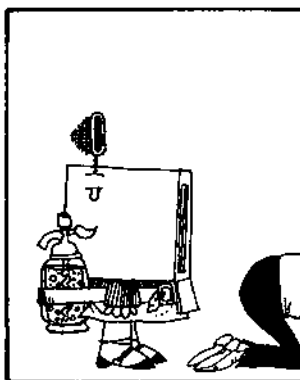
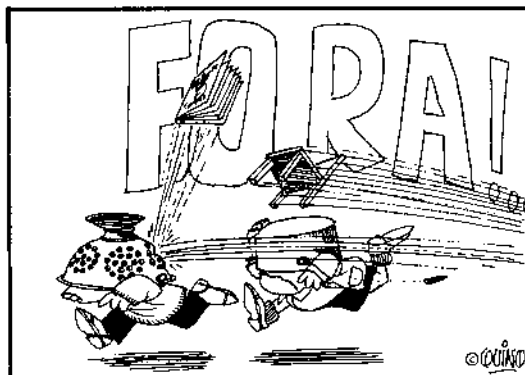












A Mafalda, a irreverente menina que encantou gerações com a sua visão bem-humorada do mundo em que vivemos, é uma das mais ilustres feministas do nosso tempo. As tiras reunidas neste volume dão bem conta do carácter feminista desta criança que, aos seis anos, questiona o papel da mulher no mundo, e que não está disposta a tornar-se uma dona de casa de classe média dedicada às tarefas domésticas.

Sessenta anos após a sua criação, e com a luta pelos direitos das mulheres mais do que nunca no centro das atenções, a leitura que a Mafalda faz do mundo mantém-se extremamente atual. As vinhetas do genial Quino assumem hoje uma força extraordinária e ajudam-nos a tomar consciência do caminho percorrido e a percorrer para alcançar a igualdade entre homens e mulheres.

«A leitura da Mafalda deveria ser obrigatória nas escolas,
mas não nas primárias, e, sim, nas universidades.»

JOSÉ SARAMAGO



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt
@ penguinlivros

ISBN 9789897876486



9 789897 876486 >